

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 - Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquinoto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoia 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maçãs (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquiteturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminiium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das ações do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* - um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n^{os} 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha - estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Ivlia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patricia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidade*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio Garcia Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarde Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadela sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa
Mariana Santos
- 2069 A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 “Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História
Sara Brito
- 2125 “Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 O ensino da Arqueologia em Portugal
Jacinta Bugalhão
- 2149 O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema
Ana Cristina Martins
- 2161 Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego
António Batarda Fernandes
- 2177 Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses
Ivo Santos
- 2199 A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica
Gertrudes Branco
- 2223 IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovélico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umhas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

ARQUEOLOGIA PÚBLICA: A FESTA DA ARQUEOLOGIA COMO CASO DE ESTUDO

Carla Quirino¹, Andrea Martins², Mariana Diniz³

RESUMO

A Festa da Arqueologia é um evento promovido pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizando-se periodicamente no Museu Arqueológico do Carmo. Trata-se de um projeto iniciado em 2010, cuja sexta edição ocorreu em 2022, juntando numerosas instituições nacionais relacionadas com Arqueologia, Património e Museus. O exercício desenvolvido neste trabalho pretende responder à pergunta: como é que a Festa da Arqueologia se enquadra num projeto de Arqueologia Pública? Quais os pressupostos que levaram à criação da Festa da Arqueologia, os seus objectivos e as razões do sucesso desta iniciativa?

O conceito de Arqueologia Pública é aqui discutido nas suas diversas vertentes, desde a educação patrimonial, disseminação do conhecimento e transmissão de conceitos através de actividades programadas e específicas para um público não especialista.

Palavras-chave: Comunicação; Divulgação; Investigação; Sociedade portuguesa; Arqueologia Pública.

ABSTRACT

The “Festa da Arqueologia” is an event organised by the Association of Portuguese Archaeologists and held periodically at the Carmo Archaeological Museum. It is a project that began in 2010 and whose sixth edition took place in 2022, bringing together numerous national institutions related to archaeology, heritage and museums. The exercise developed in this work aims to answer the questions: how does the Archaeology Festival fit into a Public Archaeology project? What assumptions led to the creation of the Festival of Archaeology, its objectives and the reasons for the success of this initiative?

The concept of Public Archaeology is discussed here in its various guises, from heritage education, the dissemination of knowledge and the transmission of concepts through programmed and specific activities for a non-specialist public.

Keywords: Communication; Dissemination; Research; Portuguese society; Public archaeology.

1. PALAVRAS PRÉVIAS

O trabalho que aqui se apresenta foi delineado para formato de narrativa vídeo⁴, criando conteúdos dinâmicos e informais, passíveis de disseminação por diversos agentes. O objecto de estudo é a Festa da Arqueologia, evento organizado pela Associação dos Arqueólogos Portugueses, tendo a última edição decorrido em 2022. Neste evento foram realizadas entrevistas a diversos participantes, a responsáveis

da organização da festa e ao público visitante, reunindo testemunhos diversificados e registo visual do ambiente da festa e das diversas actividades. A história da Festa, os seus objectivos e missão, os sentimentos e sensações, bem como pressupostos teóricos e também logísticos, são alguns dos temas abordados pelos diversos intervenientes. A captação das imagens vídeo realizou-se entre os dias 28 e 30 de abril de 2022, datas que correspondem à montagem e aos dias abertos ao público da sexta edição

1. FLUL / carla.quirino@icloud.com

2. AAP; UNIARQ - FLUL; FCT / andrea.arte@gmail.com

3. UNIARQ - FLUL; AAP / m.diniz@letras.ulisboa.pt

4. Vídeo realizado pela primeira signatária, adaptado de trabalho apresentado no seminário Arqueologia e o Mundo Contemporâneo do Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

da referida iniciativa⁵.

2. CONCEITOS E CONTEXTOS – A ARQUEOLOGIA PÚBLICA

“Arqueologia pública no sentido mais amplo é aquela parte da disciplina preocupada em estudar e criticar os processos de produção e consumo de arqueologia como fonte de conhecimento” (Moshenska, 2017)

Debater e compreender os conceitos da denominada Arqueologia Pública é um exercício relativamente recente, fruto das abordagens epistemológicas tradicionais da ciência arqueológica que encaravam a divulgação, difusão e transmissão de conhecimento como acções secundárias e, muitas vezes, irrelevantes ou dispensáveis. Porém, a “Arqueologia Pública” era praticada, na maior parte dos casos sem enquadramento teórico ou conceptual, levando a Arqueologia a um público muito diversificado. Um dos primeiros exemplos é seguramente Sir Mortimer Wheeler que na década de 50 do século passado falou de Arqueologia na televisão, tendo assim uma audiência em massa. Entre 1955 e 56, Wheeler afirmou de que estava “convencido da necessidade moral e académica de partilhar o trabalho científico ao máximo possível com o homem na rua e no campo” e acrescentou ser esse o dever do arqueólogo, como do cientista, alcançar e cativar o público e moldar as palavras para sua compreensão direta (Moshenska, 2017)⁶.

A Arqueologia Pública é um dos pilares das práticas contemporâneas da disciplina que se dedica a pensar na sua relação com o público, efetivando este enquadramento teórico com acções pré-estabelecidas e planeadas. Estas abordagens podem ser sistematizadas em três modelos: o modelo educativo – em que os académicos constroem conhecimento que é disseminado e transmitido a uma audiência diversificada, contribuindo para o crescimento das suas competências como cidadãos informados; o mo-

5. Ao longo deste texto são reproduzidas declarações proferidas por diversos intervenientes na Festa da Arqueologia 2022. Estes testemunhos encontram-se no vídeo narrativa que constitui o cerne deste trabalho.

6. A obra *Key Concepts in Public Archaeology*, editada em 2017, com edição de Gabriel Moshenska, reuniu um conjunto de Conceitos Chave associados à Arqueologia Pública que ajudaram a sistematizar o debate sobre como esta disciplina se relaciona com a sociedade civil, tendo por base a divulgação pública.

delo de relações públicas – que procura melhorar a imagem pública da arqueologia com o objectivo de ter mais apoio público e político; e o modelo democrático que se baseia na responsabilidade científica, levando a que o processo de participação e decisão seja feito por todos (Holtorf, 2007). Estes modelos podem ser abordados individualmente, mas também em conjunto, dependendo dos objectivos de cada projeto de arqueologia.

A Arqueologia Pública pretende combater o distanciamento das pessoas e o desinteresse pelo património arqueológico, divulgando a ciência arqueológica nas suas variadas abordagens, potenciando a preservação e conservação do património. A educação patrimonial é um dos pilares base da Arqueologia Pública sendo dever dos profissionais de arqueologia divulgar e partilhar o seu conhecimento com o público e, não apenas, com a comunidade científica. Divulgar democraticamente, para tod@s, em locais tradicionais como museus, mas também em qualquer sítio em que a acção planeada seja passível de reunir um público interessado. Desta forma, o público, que contribui para o financiamento da investigação e que tem direito à devolução do conhecimento, tem de tomar consciência deste mesmo direito, situação apenas alcançada através da educação patrimonial. Ao dotar a “comunidade de conhecimento que a torne capaz de uma participação activa e informada nos processos democráticos de opção e decisão” está também a contribuir-se para a “divulgação científica que é, pois, um problema de ideologia e regime” (Valera 2008).

Enquanto por terras britânicas o alcance público da arqueologia cresceu logo depois da Segunda Grande Guerra, Portugal teve de esperar pela implantação democrática de 1974 para a mudança de paradigma. Seria, no entanto, na década de 1990 que um movimento cívico teve um papel fundamental na preservação do património arqueológico em Portugal, conseguindo a conservação das gravuras do Vale do Côa. O processo Côa, complexo quer do ponto de vista político como científico, marcou a sociedade portuguesa, polarizando opiniões e trazendo a arqueologia, pela primeira vez, para o centro do debate da sociedade civil (Gonçalves, 2000; Arnaud e Martins, 2021). A arqueologia e os arqueólogos passaram a fazer parte de discursos políticos, mas também populares, dando, força a uma temática praticamente inexpressiva da sociedade portuguesa. O envolvimento da sociedade civil foi fundamental na decisão de

suspensão da construção da barragem, e a arqueologia ganhou uma visibilidade que levou à adopção de novos discursos. No entanto, esta aproximação à sociedade civil foi resultado de uma situação específica, não tendo sido planeada ou programada pela comunidade arqueológica, mas rapidamente reconhecida como imprescindível. Foi o reflexo de uma mudança de mentalidade que na segunda metade do século XX iria ver crescer o “progressivo reconhecimento da importância da divulgação científica e da necessidade do desenvolvimento de uma cultura científica entre os cidadãos” (Valera, 2008). Na última década do séc. XX, o exercício da actividade profissional do arqueólogo e o exercício da cidadania em contexto democrático convocou os cidadãos “a participar em processos decisórios” e o domínio de um conhecimento científico generalista “passou a ser visto como um requisito fundamental” para a sociedade democrática (Valera, 2008) surgindo diversos projetos de investigação em que a disseminação do conhecimento é programada e efetiva. Uma consciencialização da importância da disseminação e a adopção dos conceitos de ciência cidadã tornaram-se presentes na comunidade arqueológica nacional (Eleutério e Gil 2015; Raposo 2015; Valera 2008).

Do ponto de vista legislativo, o Regulamento de Trabalhos Arqueológicos – Decreto Lei nº 164/2014 – decreta que no conteúdo do relatório dos trabalhos arqueológicos deva estar referido a “descrição das ações de divulgação e publicitação eventualmente realizadas, com vista à sensibilização e educação patrimonial” (artigo 15º, alínea p). Se por um lado, pela primeira vez existe a referência à importância da educação patrimonial e implicitamente da Arqueologia Pública, a não obrigatoriedade destas ações, explícita em “eventualmente realizadas” desresponsabiliza os arqueólogos e faz com que estas actividades sejam meramente optativas. Na instrução do Pedido de Autorização de Trabalhos Arqueológico (PATA) é obrigatória a submissão de um plano de divulgação pública dos resultados, reflexo uma vez mais desta consciencialização por parte da tutela para a importância da disseminação e divulgação dos trabalhos realizados pela sociedade civil. No entanto, apesar de no PATA ser obrigatório a colocação deste plano de divulgação, na elaboração do relatório surge como opcional.

Os cientistas envolvidos em actividades de comunicação com o público assumem que o problema da falta de interesse pela ciência assenta na existência

de um público com poucos conhecimentos científicos, mas com vontade de aprender (Coutinho, Araújo, Bettencourt-Dias, 2004). Relativamente ao Património e à sua preservação é necessário conhecer esse mesmo património para ser possível defendê-lo. Apenas com o conhecimento científico, transmitido por vários agentes através de diversos tipos de ações e com discursos adaptados, o público-alvo poderá mostrar interesse na sua preservação, levando assim à salvaguarda do Património único, irrepetível e finito. Torna-se assim necessário desenvolver estratégias para difundir e descodificar esta ciência, interagir e envolver a sociedade civil na defesa e preservação das marcas do passado, tornando a Arqueologia mais Pública.

3. A FESTA DA ARQUEOLOGIA

A Festa da Arqueologia é um evento criado e desenvolvido pela Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP), a mais antiga associação de defesa patrimonial e arqueologia do país, fundada em 1863, e que tem como sede o Museu Arqueológico do Carmo (MAC) (Arnaud, 2013). É neste local emblemático pelas suas ruínas e localização privilegiada na cidade que se realizaram as seis edições da Festa da Arqueologia, entre 2010 e 2022, reunindo ao todo milhares de pessoas. (Figuras 1 e 2)

Sendo uma das missões da AAP a divulgação da ciência arqueológica e participação na sociedade civil, a Festa da Arqueologia foi delineada nestes pressupostos programáticos, enquadrando-se na denominada Arqueologia Pública sendo dirigida a categorias de públicos muito diversas. O evento é organizado e financiado pela AAP, que convida diversas instituições nacionais para estarem presentes na Festa da Arqueologia, permitindo activamente esta transmissão directa da ideia e função da Arqueologia a diversos públicos (adultos, crianças, nacionais e estrangeiros), possibilitando também a análise da perceção do conceito de Arqueologia Pública que essas próprias instituições têm.

3.1. O conceito

A Festa da Arqueologia partiu de um desafio lançado em 2009 por Leonor Medeiros, consócia da AAP, à direcção da AAP, para realização de um evento de divulgação da arqueologia destinado a um público não especialista, à semelhança do que tinha experienciado em Inglaterra. Este evento, uma festa

dedicada à Arqueologia, teria na “casa dos arqueólogos” – a sede da AAP – o Museu Arqueológico do Carmo, o seu espaço, um local privilegiado no centro de Lisboa, com uma significativa área disponível – a nave da antiga igreja, permitindo alojar diversas instituições num sítio circunscrito e fechado mas ao mesmo tempo aberto ao ar livre. A direcção da AAP, na pessoa do seu director – José Morais Arnaud, prontamente aceitou o desafio, começando os preparativos para a realização do evento em 2010.

Um dos objectivos da Festa da Arqueologia era reunir num mesmo espaço, num ambiente informal, lúdico e didáctico, diversas instituições nacionais que representassem os vários agentes da actividade arqueológica em Portugal – tutela, autarquias, museus, instituições de ensino, instituições privadas e associações patrimoniais. A estas instituições foi-lhes dado um espaço onde poderiam desenvolver actividades, divulgar a sua investigação e promover o trabalho realizado, tudo isto através de um discurso adaptado a um público muito diversificado.

A primeira edição da Festa da Arqueologia decorreu assim em 2010, ocorrendo a segunda em 2012 e a terceira em 2013, ano em que a AAP celebrou o seu 150º aniversário. A partir de 2013 o evento passou a ter a periodicidade trienal, tendo sido realizado em 2016, 2019 e a sexta edição em 2022. (Figuras 3 a 8)

Mariana Diniz, membro da direcção da AAP, está presente também desde os primeiros passos da organização da “Festa da Arqueologia”. Em entrevista neste trabalho explica: “Era uma iniciativa em grande medida pioneira, apesar de já ter existido no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) com contornos mais ou menos semelhantes – mas aqui o que se pretendia era – e daí o nome de Festa da Arqueologia – reunir nesta nave no Museu do Carmo, Universidades, Museus, Gabinetes de Arqueologia de Autarquias, empresas de arqueologia, grupos que também vivem da divulgação – reuni-los durante dois ou três dias num grande evento de entrada livre para conseguirmos mostrar aos visitantes que existe arqueologia em Portugal”. José Morais Arnaud considera “que é da nossa responsabilidade como investigadores divulgar, procurar chegar ao grande público, explicar e mostrar às pessoas qual é o interesse e o valor da arqueologia como disciplina científica”. Mariana Diniz acrescenta: “Todos reconhecíamos que a arqueologia tinha crescido nas últimas décadas de uma forma imensa por causa da arqueologia preventiva e da obrigatoriedade de fazer trabalhos ar-

queológicos em contextos que iriam ser afetados por obras – mas sabíamos que esse crescimento, mesmo da arqueologia científica, das teses de mestrado ou artigos dificilmente chegava ao grande público – portanto as pessoas continuavam a perguntar-nos em vários outros momentos: Arqueologia em Portugal? Mas isso existe? Era então a hora de mostrar que sim, que existia arqueologia em Portugal, com um grande dinamismo, em muitos lugares do país – foi sempre essa ideia da Festa da Arqueologia”.

A Festa da Arqueologia tem como característica uma abordagem interativa em que as entidades participantes procuraram desenvolver ferramentas para comunicar com o público. Leonor Medeiros recorda que na primeira edição “tivemos que lutar pela ideia de que estamos a fazer comunicação de ciência” – e para que funcione – “as pessoas têm que interagir com o trabalho que fazemos. Elas têm que mexer nos materiais arqueológicos, têm que ser estimuladas com jogos com perguntas, com desafios, não só verem mas pelo mexer e fazerem as coisas – aquele conhecimento fica mais entranhado, esse era o grande desafio”, destaca. (Figuras 9 e 10)

Embora todos os parceiros tenham ficado animados com o projeto, não reconheceram de imediato a novidade do modelo expositivo. Mas doze anos depois “conseguimos ver a motivação da comunidade científica aqui presente que conseguiu desenvolver estratégias para chegar mais perto do público, diz Leonor Medeiros. “E os que já comunicavam ciência fazem-no melhor e com mais diversidade”.

A par das actividades destinadas ao grande público e às famílias é organizado um programa de debates e conferências que decorrem em paralelo no auditório do Museu Arqueológico do Carmo, nos quais se abordam as grandes questões da atualidade e desafios da atividade arqueológica em Portugal.

Na nave central das ruínas do Carmo existe capacidade para 16 a 18 lugares, distribuídos pelos diversos participantes, contando já com o espaço do Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses e da loja do MAC. Os participantes são convidados pela direcção da AAP que, face ao espaço limitado, opta por seleccionar instituições distintas em cada edição da Festa, procurando a representatividade de instituições provenientes de todo o país. (Figura 11)

O público da Festa da Arqueologia é composto pelos turistas que visitam o MAC, pelo público português não especialista que tem conhecimento do evento

por diversos canais de comunicação e pelos arqueólogos e suas famílias que visitam e participam na Festa. Luís Raposo, Membro do Conselho Executivo do ICOM e vice-presidente da AAP, descreve a Festa da Arqueologia como “um grande sucesso e uma iniciativa muito oportuna e pertinente da AAP – o espaço onde está é destinado a atrair muita gente, embora a maior parte poderá ser estrangeira – mas esses também nos interessam, em termos de divulgação da arqueologia”. Considera que este evento abre “um espaço onde as universidades, os museus, associações, entidades de natureza diferente, se podem juntar na perspectiva precisamente de divulgação daquilo que tem para oferecer à sociedade” que é conhecimento – “por isso, associo a palavra *êxito* a esta Festa.”

3.2. Missão da FESTA

“É exploração, é divertimento, é trabalho de equipa” destaca Leonor Medeiros, para caracterizar a Festa da Arqueologia. Mariana Diniz destaca: “Foi sempre essa a ideia da Festa da Arqueologia. Ir desenvolvendo ferramentas para comunicar com o público, saindo muitas vezes daquela linguagem muito científica, hermética, da conferência do artigo, para – criando jogos, criando ferramentas didáticas – conseguir transmitir o que se faz em arqueologia”. “Para além das comunicações científicas, queríamos falar para o outro lado também, para a sociedade civil – educar esta próxima geração para as questões do património” observa Leonor. (Figura 12)

A arqueologia é mais do que uma mera coleção de antiguidades e tem para oferecer descoberta e interpretação, porque é uma disciplina que faz a ponte entre o passado e o presente. Na página oficial da Festa da Arqueologia -http://www.arqueologos.pt/festa_arqueologia/ – o evento propõe-se a ser um evento de “divulgação científica e cultural que pretende unir a Arqueologia à sociedade, recorrendo a actividades práticas, exposições interactivas, conversas com os profissionais, e muitas outras experiências”. É realçado que essas ações são “dirigidas ao público não especialista” e têm o objetivo de “reforçar a ligação desta ciência à sociedade, contribuindo para a proteção, valorização e divulgação quer da actividade arqueológica, quer do património cultural”.

A arqueóloga Jacinta Bugalhão refere que “está diagnosticado entre os arqueólogos que um dos problemas estruturais – dos arqueólogos e da arqueologia – é a socialização da arqueologia – ou seja, a

partilha daquilo que são os valores do património arqueológico, daquilo que é a riqueza, o valor, as potencialidades do património arqueológico, junto de toda a comunidade”. E salienta que “sendo esse um dos problemas estruturais, a Festa da Arqueologia é uma resposta direta a esse problema”. Jacinta Bugalhão acrescenta que este encontro permite abrir as portas do mundo da arqueologia “que normalmente é relativamente fechado” e enfatiza em jeito de convite: “venham todos, venham todos os que não são arqueólogos, venham todos os que não são lisboetas, venham os que não são portugueses, venham todos e venham aqui festejar a arqueologia – sempre numa perspectiva muito positiva, porque é uma festa com muita diversidade de oferta nas várias tendas. E é extraordinário, o valor e a forma que com tanto êxito a festa da arqueologia cumpre este objetivo – socializar a arqueologia junto de toda a comunidade”, remata.

3.3. Arqueologia da FESTA

O presente trabalho fez um levantamento de registos sobre a Festa da Arqueologia existentes nas várias plataformas digitais e redes sociais. Observou-se que para as três primeiras festas, comparativamente com as seguintes, a informação existente é bem mais reduzida. Recordar-se que a ideia de realização deste evento surgiu a 2009 e no ano seguinte, nos dias 3 e 4 de julho de 2010, o Museu Arqueológico do Carmo e a AAP abrem as portas para receber a primeira edição da “Festa da Arqueologia”. (Figura 13)

2010

“Nos próximos dias 3 e 4 de julho, no icónico espaço das ruínas da Igreja do Carmo, terá lugar a primeira Festa da Arqueologia”. O anúncio foi feito a 29 de maio pelo *site* [https:// festadaarqueologia2010.wordpress.com](https://festadaarqueologia2010.wordpress.com) . Este texto de divulgação dava a conhecer o cartaz do evento assim como explicava o que os visitantes poderiam encontrar no MAC: “Através de inúmeras actividades, os visitantes irão descobrir o que é Arqueologia, como se faz e o que se descobre em cada período histórico”. O texto aludia a actividades interativas preparadas a desafiar o público de todas as idades a conhecer o mundo arqueológico. “Poderão participar numa escavação a brincar, fazer perguntas aos arqueólogos, saber como se vivia numa comunidade pré-histórica, participar numa oficina de restauro de ânforas romanas, ver o tratamento de materiais arqueológicos ao vivo, descobrir múmias

no museu, assistir a vídeos e sessões temáticas que lhes mostrarão interessantes sítios e trabalhos nacionais em Arqueologia, e muito mais”. O apelo feito pela organização, a “centenária Associação dos Arqueólogos Portugueses e pelo Museu Arqueológico do Carmo”, deixava claro que o convite era dirigido às famílias, “e não só”, com o propósito de “virem descobrir o fantástico mundo da Arqueologia”. Ainda era sublinhado o carácter gratuito do encontro.

No *site* da Festa outra entrada remete para um comunicado publicado a 9 de Julho, pela direção da AAP, depois da Festa, em jeito de balanço. No documento, salienta-se que a Festa contou com “forte apoio logístico da Junta de Freguesia do Sacramento, e também com o apoio de outras entidades, como a Guarda Nacional Republicana e a Oficina de Museus”. A participação ativa de diversas entidades como “associações, universidades, empresas, instituições e museus de Arqueologia, que aceitaram o nosso convite para participar nesta iniciativa inédita em Portugal” deram corpo à primeira edição da Festa da Arqueologia. O documento acrescenta com detalhe informação dos treze participantes no evento. “A empresa de Arqueologia Neoépica, com uma apresentação sobre os métodos utilizados pelos arqueólogos nos seus trabalhos de campo; O Centro de Interpretação do Abrigo do Lagar Velho, no qual o Doutor Francisco Almeida demonstrou a forma como as populações do Paleolítico fabricavam os seus utensílios de pedra lascada; Museu de Arte Pré-Histórica de Mação, no qual Pedro Cura reconstituiu vários ateliers do período neolítico, mostrando os vários métodos utilizados para o fabrico de bens e utensílios, tais como vasos de barro e cestos; O Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, que apresentou uma maquete do povoado fortificado calcolítico de Leceia e as várias monografias de carácter arqueológico que tem vindo a publicar; O Museu Nacional de Arqueologia, que mostrou os vários objectos que constituem a sua maleta pedagógica, e permitiu a várias centenas de visitantes fabricarem uma réplica de um objecto de ourivesaria proto-histórica; A Uniarq – Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, que apresentou os seus trabalhos de investigação mais recentes, da Pré-História à época Romana, e mostrou como se preenchia uma ficha de objecto arqueológico, entre outras actividades; A empresa de Arqueologia e Património Atalaia Plural montou o projeto “Arqueologia a Brincar”, o qual permitiu às crianças participar na escavação simulada de três contextos

arqueológicos de épocas diferentes, no que foi uma das mais bem sucedidas acções destinadas às crianças; O Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo montou uma original visita-jogo, “Pede o teu caderno de Campo e vem descobrir mistérios arqueológicos”; A Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática do IGESPAR mostrou os mais recentes achados feitos nos últimos anos ao longo da costa portuguesa, os métodos utilizados em escavações em meio aquático, e as réplicas em tamanho natural de cepos de âncora, canhões, e outros objectos recolhidos no fundo do mar; O Centro de Arqueologia de Almada montou um atelier de restauro de réplicas de ânforas em miniatura, para as crianças terem a oportunidade do contacto directo com os métodos utilizados para reconstituir os milhares de fragmentos de objectos cerâmicos que se encontram em contextos arqueológicos da época Romana; O Centro de Investigação Arqueológica da Universidade Nova de Lisboa mostrou os resultados das investigações que tem vindo a desenvolver no Ribat de Aljezur, bem como alguns objectos de cerâmica provenientes de intervenções realizadas em Lisboa; O Museu Arqueológico e Etnográfico do Distrito de Setúbal mostrou os resultados das escavações realizadas em contextos produzidos pelo Terramoto de 1755 na cidade de Setúbal; e o Museu da Água apresentou um conjunto de objectos que documentam os primórdios da criação de uma rede de abastecimento público de água e a forma como os aguadeiros reagiram a essa inovação que lhes veio tirar o trabalho, contando com a dinâmica presença da personagem de um aguadeiro, que animou com os seus pregões e protestos o espaço das Ruínas do Carmo”. De acordo com o comunicado, a agenda da Festa também contou com a participação do egiptólogo Luís Araújo da FLUL, protagonizando “o ponto culminante desta Festa, que despertou o maior interesse aos visitantes de todas as idades com a observação teatralizada do sarcófago egípcio” do MAC, onde “os seus profundos conhecimentos e o seu bom humor, encantou todos os presentes”, descreve-se no comunicado. No texto, a AAP fez um grande agradecimento a todos os participantes sublinhando o papel de Leonor Medeiros na coordenação “exemplar” na organização da Festa. O comunicado realça o “enorme potencial que a Arqueologia tem, não só para produzir conhecimento científico de grande qualidade e para recuperar elementos patrimoniais de valor incalculável, mas também para despertar o fascínio de pessoas de todas as idades e con-

dições sociais pelos seus antepassados mais remotos, e por modos de vida há muito desaparecidos”. Por isso a existência de um evento que reúna, traduza e disponibilize esse conhecimento sobre contextos portugueses de forma adaptada dedicado à sociedade civil ganhou importância e passou a marcar presença no roteiro da cidade de Lisboa.

Na primeira edição estiveram presente “cerca de 2500 pessoas”, entre crianças e adultos que participaram nas várias actividades lúdicas e experimentais, ficando demonstrado “o interesse que estas iniciativas despertam junto da população portuguesa”. A direcção saudou o sucesso do evento deixando em aberto futuras Festas, até porque a salvaguarda e valorização de um Património Cultural que a todos pertence é, acima de tudo, “um acto de Cidadania”, rematou José Morais Arnaud, Presidente da Direcção da AAP.

2012

O ano de 2012 começa com o anúncio que uma nova edição da Festa da Arqueologia irá acontecer no mês de Maio. Na nota de divulgação ficava o convite “Visite-nos em <http://festadaarqueologia2012.wordpress.com>, e reserve já na sua agenda o primeiro fim-de-semana de maio para vir descobrir “A Ciência da Arqueologia!” A 25 de fevereiro é divulgado o fim de semana de 5 e 6 de Maio para a 2ª edição da Festa da Arqueologia. Num discurso apelativo, a AAP vai lançando pistas sobre o evento para captar mais público: “As múmias regressam à 2ª edição da Festa da Arqueologia,” notifica o MAC a 13 de abril. Em comunicado divulga-se: “Para além da múmia ptolomaica residente no Museu Arqueológico do Carmo, o Museu Nacional de Arqueologia este ano traz-nos ainda a apresentação do *Lisbon Mummy Project*: “Veja mais no *blog* do MNA aqui: <http://museunacionaldearqueologia-educativo.blogspot.pt/>. Não perca a oportunidade de conhecer e visitar as nossas múmias egípcias, na Festa da Arqueologia, dias 5 e 6 de Maio, das 10h00 às 19h00.” Em tom de contagem decrescente, a 18 de abril, o MAC publica: “Está quase... Falta pouco mais de duas semanas para que este espaço mágico, um museu de Arqueologia e casa da Associação dos Arqueólogos Portugueses, se encha de cor, movimento e actividades”. A mensagem passa também a ser composta com o foco na interdisciplinaridade da Arqueologia e sua relação com diversas Ciências e alude a pontes entre conhecer o passado humano e aplicação dessa infor-

mação na construção num melhor futuro: “Vem aí um fim-de-semana em torno desta ciência humana e de todas as ciências com que trabalha para que saibamos mais sobre o Homem, e este possa com essa informação preparar melhor o futuro. Vemo-nos na abertura a 5 de Maio, às 10h00!” A 21 de abril, o MAC divulga o programa das actividades e as instituições participantes da Festa. “Visite Sítios Arqueológicos com a Festa da Arqueologia!”.

O ano de 2012 trouxe atividade fora de portas estando na agenda diversas visitas organizadas pelos participantes aos sítios arqueológicos alvo da sua investigação. As visitas anunciadas eram acompanhadas por arqueólogos e a entrada seria sempre gratuita. Algumas das propostas vinham da Câmara Municipal de Oeiras, através do Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras (CEAO), que disponibilizou duas visitas guiadas ao povoado Calcolítico de Leceia. Outra possibilidade de passeios foi apresentada pela equipa da Time Travellers que possibilitou “levar a Festa da Arqueologia num Passeio à Lisboa Arqueológica, onde os visitantes poderão conhecer alguns dos sítios mais emblemáticos da arqueologia lisboeta”. Depois de Oeiras e Lisboa, o Museu Arqueológico de Odrinhas disponibilizou uma visita temática «Sintra na época Romana» realizada no Sábado, dia 5 de maio, pelas 15h00 horas. As Ruínas Romanas de Tróia associam-se à Festa da Arqueologia oferecendo uma visita guiada no dia 5 de maio, Sábado, às 11h00, com o tema: “À descoberta das Ruínas Romanas de Tróia”. Esta visita pretendia destacar a importância da descoberta do sítio arqueológico de Tróia na arqueologia portuguesa e abordaria a história dos vários núcleos visitáveis do sítio, invocando os investigadores e os trabalhos envolvidos.

No Cartaz da Festa estava presente o mapa das instituições participantes: Atalaia Plural – Centro de Arqueologia de Almada – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Centro de Interpretação do Abrigo do Lagar Velho – Centro de Investigação Arqueológica FCSH-UNL – DANS – Divisão de Arqueologia Náutica e Subaquática – Museu Arqueológico do Carmo – Museu da Água – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal – Museu de Arte Pré-Histórica de Mação – Museu Nacional de Arqueologia – Neoépica e Uniarq-Centro de Arqueologia da FLUL.

No primeiro dia da Festa, a 5 de maio, o Museu Nacional de Arqueologia partilhou o seu programa de actividades. “Venham ver, experimentar e conhecer

tudo o que o Museu Nacional de Arqueologia traz à Festa! No antigo Egito os amuletos protegiam tanto os vivos como os mortos. Vamos então conhecer alguns dos mais eficazes, como o *Kheper* e o *Udjat*, fundamentais para uma viagem segura até ao Tribunal de Osíris. Hórus, o deus falcão, era a divindade protectora do faraonato”.

É também divulgado um vídeo de uma das actividades da Festa – a Arqueologia Experimental, pelas mãos de Pedro Cura do Museu de Arte Pré-Histórica de Mação – <https://www.facebook.com/100001253310798/videos/377993902252384/>. A 9 de maio, em comunicado da AAP, lia-se o balanço: “3000 visitantes no fim-de-semana da Festa da Arqueologia”. Sublinhava que “a 2ª edição da Festa da Arqueologia foi um sucesso!”. No texto, destacam-se as variadas actividades interativas trazidas pelas organizações participantes e a partilha do conhecimento dirigida aos, pelo menos “3.000 visitantes de todas as idades” que passaram pelo MAC durante a Festa. Observou-se que este evento foi, pela segunda vez, um veículo de transmissão de conhecimento “sobre os trabalhos arqueológicos, os projetos e as instituições nacionais” dedicado ao público não especializado.

2013

O ano de 2013 ficou marcado por um conjunto de actividades enquadradas nas comemorações do 150º aniversário da Associação dos Arqueólogos Portugueses, fundada a 22 de Novembro de 1863. Entre as várias iniciativas destacaram-se a realização da Exposição “Memória e Intervenção: 150 anos da Associação dos Arqueólogos” patente na Biblioteca Nacional, o I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses – que decorreu de 21 a 23 de Novembro – e, a terceira edição da Festa da Arqueologia.

O mote para o evento de 2013 foi “*Uma Viagem no Tempo*”, decorrendo nos dias 8 e 9 de Junho. “É já neste fim-de-semana que terá lugar a 3ª edição da Festa da Arqueologia, este ano dedicada à História da Arqueologia: *Uma Viagem no Tempo*. Celebram-se os 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses e o trabalho feito em prol da Arqueologia, da Cultura e do Património por tantas instituições nacionais. A 8 e 9 de Junho, das 10h00 às 19h00, o Museu Arqueológico do Carmo abre as suas portas aos profissionais e à restante sociedade para dois dias de actividades, experiências, conversas e tertúlias, recriações históricas e visitas guiadas” assim

aparecia a nota informativa no *site* do MAC.

O programa pôde ser consultado em: <http://festa-daarqueologia.wix.com/2013>, surgindo um texto de divulgação da AAP com referência às edições anteriores sublinhando que o bom entendimento entre as várias associações, institutos, museus e universidades que nelas participaram, permitiu que a Festa fosse bem sucedida. Em 2013, a sintonia manteve-se, continuando a “chamar a atenção para a actividade arqueológica, nas suas múltiplas vertentes, desde a investigação científica, à divulgação”.

Em tom de desafio, são lançadas perguntas, cujas respostas poderão ser conhecidas durante a Festa : “Quem foram os primeiros arqueólogos? Como se vivia na pré-história? Como se fabricavam os utensílios?”. Muitos outros temas fazem parte da temática *Arqueologia* e podem ser conhecidos nas actividades interativas durante o evento: a alimentação na antiguidade, os jogos e o teatro dos romanos, escavação a brincar, investigação arqueológica, Egipptologia para todos, Arqueologia náutica e subaquática. Visitas a sítios e monumentos, conferências, tertúlias e debates também fizeram parte da agenda da terceira edição da Festa.

Leonor Medeiros divulga também um texto apelativo onde reúne os principais pilares da Festa da Arqueologia, reforçando que as relações do “triângulo” – comunidade arqueológica – público – instituições – têm que se fortalecer mutuamente e a Festa da Arqueologia pode ser um dos palcos onde se pode constatar os benefícios. A necessidade de comunicar entre parceiros e a sociedade civil para o conhecimento arqueológico chegar mais longe e “conquistar as gerações para o património”.

O balanço feito pela AAP relativamente ao número de visitantes mostrou que a Festa continuou a somar mais um recorde. Em 2013 “mais de 4000 visitantes vieram contactar com a Arqueologia e as actividades trazidas pelas 20 instituições presentes!” destacou José Morais Arnaud a 10 de junho, na página do Facebook da Festa. A edição especial de 2013, comemorativa dos 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses, foi qualificada como um evento repleto de “sucesso, onde a adesão do público em geral foi excelente”. Os organizadores voltam a falar de mais edições da Festa até porque os 4000 visitantes constituíram “um estímulo para a AAP lhe dar continuidade num futuro próximo, e procurar melhorar e diversificar a oferta de actividades”.

Uma nova morada para o portal da Festa da Arqueo-

logia: https://www.arqueologos.pt/festa_arqueologia/, passou a permitir ter alguma informação concentrada das diversas edições, organizada por datas e com acesso a conjuntos de fotografias que documentam as diversas atividades interativas dirigidas aos visitantes.

A partir desta edição de 2013 a Festa da Arqueologia tornou-se um evento trienal.

2016

No ano de 2016 a Festa da Arqueologia realizou-se nos dias 4 e 5 de junho e convidava os participantes e o público em geral a desenvolverem atividades que tivesse como pano de fundo o tema escolhido: a *Arqueologia Experimental – O Passado nas tuas mãos*. Durante este fim de semana o MAC e a AAP abriu mais uma vez as portas ao público que quisesse experimentar uma breve viagem ao passado, através do conhecimento arqueológico. O convite da organização mencionava a possibilidade de as pessoas usufruírem da “oportunidade de contactar com arqueólogos especialistas em várias épocas, e de experimentar como viviam e o que faziam os nossos antepassados, desde o Paleolítico até épocas mais recentes”. Os visitantes poderiam participar nas “várias oficinas de fabrico de utensílios, em jogos antigos, a assistir a uma peça de teatro romana, à projecção de pequenos documentários, e em muitas outras actividades” referia a informação oficial da Festa. “Não percam esta pequena viagem na máquina do tempo! A Festa é gratuita e aberta a todos os interessados, entre as 10 e as 19 horas” acrescentava a notificação no Facebook.

A Associação dos Arqueólogos Portugueses contava pela quarta vez a “colaboração de várias entidades, públicas e privadas, com o objectivo de divulgar a actividade arqueológica em Portugal, nas suas diferentes vertentes”.

Como referido anteriormente foi objectivo da organização convidar alternadamente as instituições, procurando uma representatividade nacional que trouxesse também diferentes propostas. Em 2016 as instituições que participaram pela primeira vez foram a “Sociedade Martins Sarmiento e a Casa do Povo de Briteiros”, o “Campo Arqueológico de Mértola” e o “Museu D. Diogo de Sousa” de Braga. Estas instituições desenvolveram actividades que foram muito bem recebidas pelo público, como a actividade teatral – recriação histórica da Citânia de Briteiros – realizada pela Sociedade Martins Sarmiento e a

Casa do Povo de Briteiros. O Campo Arqueológico de Mértola fez uma apresentação de materiais pedagógicos associados às escavações do campo-escola. “A Mértola coube a representação do período medieval islâmico. O contributo de Mértola fez-se através da recriação de um pátio de uma casa islâmica, onde houve lugar para diversos jogos didácticos, venda de peças de ourivesaria de Nádia Torres e das réplicas de candis de Manuel Passinhas” explicou a organização numa notificação da página do Facebook. O Museu D. Diogo de Sousa apostou numa “Oficina da cidade romana de *Bracara Augusta*” que propõe demonstrar e explicar “Como se vestiam e adornavam os Romanos”, convidando o público a colocar também esses adereços.

No âmbito do tema da 4ª edição – a Arqueologia Experimental, Célia Pereira – conservadora do MAC – destaca as actividades que Pedro Cura, da Prehistoric Skills e Museu de Mação, desenvolve no evento. “Tratam-se de coisas muito palpáveis e únicas em que, se calhar, as pessoas só tomam contacto aqui neste evento”. Mariana Diniz observa que as réplicas trazidas pelo arqueólogo “constituem sempre um dos polos de atração da Festa porque é ver fazer como se fazia noutros momentos do passado, técnicas e tecnologias perdidas e formas de aproveitar as matérias-primas”. (Figura 14)

2019

Nas vésperas da quinta edição da Festa da Arqueologia, a Agenda Cultural de Lisboa dedicou algumas palavras ao evento dando a conhecer mais uma vez de forma amplificada a realização do mesmo. Desta vez, a Festa coincidiu com as comemorações dos 45 anos da Revolução do 25 de abril de 1974, “que serviram de mote para escolha do tema central: *Revoluções e Resistências – das Origens à Revolução Industrial*.” Entre 25 e 27 de abril, a quinta edição da Festa da Arqueologia desenrolou-se durante três dias, excepcionalmente, de quinta a sábado. No desdobrável do programa da Festa, o texto dedicado ao tema das *Revoluções e Resistências* explica e enumera alguns dos momentos que tiveram impacto na Humanidade. Num discurso claro é descrita a diferença entre o que é entendido como revolução: “revoluções na alimentação, revoluções no modo de entender o mundo, revoluções na organização social, revoluções nas técnicas e no saber”; e o oposto, como movimento de resistência: “tentamos manter antigas práticas e religiões, alcantilamo-nos em fortalezas frente ao

invasor, recuperamos o passado para que seja transmitido”. A dinâmica do que é novo e o que permanece são fenómenos que acompanham a vida humana desde sempre. Todos estes processos de Revolução e de Resistência, “ficam de algum modo marcados no registo arqueológico” e essa investigação sobre a convivência dos dois caminhos, não só traduz indícios das sociedades humanas do passado como traça pistas sobre o comportamento que antecedeu a atualidade, explicando o presente e apontando possibilidades de futuro. Este mundo de descoberta e conhecimento disponível à sociedade civil associado à divulgação do papel desempenhado pela Arqueologia em Portugal, continua a ser o foco da Festa da Arqueologia. Ao consolidar a “ligação entre os conhecimentos gerados pelos arqueólogos e a sociedade”, permite aproximar e sensibilizar o público “para a salvaguarda, valorização, conservação e divulgação do património arqueológico português”. Os participantes da quinta edição da Festa da Arqueologia prepararam, mais uma vez, diversas actividades interactivas de conteúdo científico onde difundem os métodos e ferramentas da Arqueologia. O Campo Arqueológico de Mértola apresentou actividades e jogos lúdicos relacionados com a Civilização Islâmica e o Mundo Romano e ainda abordou a gestão da água e dos outros recursos naturais no mundo mediterrâneo na Antiguidade Tardia e no período islâmico. O Museu de São Miguel de Odrinhas convidou o público a “Ser oleiro no Neolítico – Ver, tocar e sentir: O Neolítico”, enquanto que o Museu do Côa apostou em Oficina de técnicas de arqueologia experimental como fazer fogo ou conhecer mais a Arte Rupestre e a Arte Móvel. O Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo desenvolveu diversas actividades, nomeadamente a designada por "Acorda Museu" onde os participantes eram convidados a conhecer as várias salas do museu, realizando diversas tarefas relacionadas com peças expostas. O povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro foi também central na banca do MAC, quer através de jogos didáticos, como pela presença de uma maquete do povoado e ainda da maleta pedagógica, onde réplicas de diversas categoriais artefactuais puderam ser manuseadas pelos visitantes (Santos, 2020)

No fim do primeiro dia da Festa da Arqueologia anunciava o recorde de 4100 visitantes, sendo que nos três dias o número final foi superior a 9000 visitantes.

Pela primeira vez a Festa da Arqueologia foi divulgada na televisão. Uma equipa de reportagem da Rádio e Televisão de Portugal (RTP) realizou para o programa Portugal em Direto de dia 26 de abril dois blocos informativos sobre a Festa que podem ser vistos em: <https://www.rtp.pt/play/p5286/e403493/portugal-em-direto/739816> e <https://www.rtp.pt/play/p5286/e403493/portugal-em-direto/739821>

2022

A sexta edição da Festa da Arqueologia decorreu a 29 e 30 de abril de 2022, tendo como tema de base a *Arqueologia e a Sustentabilidade*. Procurou-se apelar à “relevância dos recursos endógenos de cada território, aos traços identitários e fatores distintivos que compõem o património histórico e cultural, bem como paisagístico e natural de cada região” explicava o programa. Se na tenda da Prehistoric Skills se poderia aprender “Como se vivia há 5000 anos” e como as comunidades ultrapassavam os problemas da gestão dos recursos, a UNIARQ da Faculdade de Letras de Lisboa reforçava o tema da Sustentabilidade associada à Arqueologia e lançava uma questão “será a ciência do passado uma ciência com futuro?”. Para tentar responder apresentava um conjunto de materiais e técnicas antigas como “chaves para um futuro mais sustentável”. (Figura 15)

O projeto da AAP e UNIARQ – “Vila Nova de São Pedro, de novo no 3º milénio – VN3000” desenvolvido em torno do povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro na Azambuja, trouxe também diversas actividades relacionadas com o modo de vida desta comunidade. A maleta pedagógica, com algumas réplicas, constituiu um ponto de partida para explicar as matérias-primas, os artefactos e os ecofactos como a cevada, o trigo, a bolota e o linho, mostrando algumas das actividades produtivas que tiveram lugar há 5000 anos naquele povoado. Sendo o tema a Sustentabilidade os arqueólogos relacionaram o problema dos recursos da atualidade com o aproveitamento mais sustentado no calcolítico e a sua diversificação, mostrando como a ciência se cruza com os grandes tópicos que estão na agenda actual, (Figura 16)

O MASMO – Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, presença habitual na Festa, propôs actividades criativas dirigidas aos mais jovens, «ALEA IACTA EST | A Sorte está lançada», «ABACUM CLAUDERE | Jogar como os Romanos», e «A Cozinha Romana – Descobre os elementos intrusos!» e ainda uma conversa, em jeito de viagem aos «Ves-

tígios Romanos em Sintra: conhecer, valorizar e divulgar», com os arqueólogos Alexandre Gonçalves e Ricardo Campos.

Para cumprir com o objetivo de dar oportunidade a diferentes entidades a sexta edição teve pela primeira vez a presença do “CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa” e do “Centro de Estudos de Arqueologia da Madeira”.

António Marques, coordenador do CAL, salientou que a participação “numa Festa como esta – que é uma festa de divulgação, uma festa de partilha e uma festa de grande comunicação com a comunidade” acentua a perspectiva de que a “atividade arqueológica trabalha para o bem comum, trabalha para a comunidade – eu acho que eventos deste género – consubstanciam esse enfoque que a atividade arqueologia também deve ter”. Refere ainda que este tipo de eventos “é sempre uma forma de mostrar perante a sociedade que as Câmaras Municipais também estão atentas e querem fazer parte da equação que é zelar, tratar, salvaguardar e legar para o futuro aquilo que é um recurso dos vários territórios das autarquias – património arqueológico – que deve ser colocado ao serviço obviamente da comunidade científica, mas também ao serviço da comunidade no seu todo – enquanto recurso que pertence a essa própria comunidade”.

O Centro de Estudos de Arqueologia da Madeira apresentou-se com um coletivo de arqueólogos que, pela voz de Marco Freitas, “agradece à AAP a oportunidade de participarem na Festa para poderem divulgar o trabalho que fazemos lá na ilha”. “Finalmente conseguimos criar uma relação com o resto do país por isso estarmos aqui representa – e recorrendo à conhecida expressão: um pequeno passo para o homem um grande salto para a humanidade, para a Madeira, neste caso” – diz sorrindo Marco Freitas. Nesta participação destaca-se “o projeto SS Newton de arqueologia subaquática” que permitiu a identificação e o registo do naufrágio na Ponta de S. Lourenço, levando à criação da “primeira rota de arqueologia subaquática para a Madeira” conseguindo iniciar os estudos subaquáticos na ilha da Madeira. Pela segunda vez a Festa é visitada por uma equipa de televisão da RTP que preparou uma reportagem com cerca de oito minutos emitida no programa Portugal em Direto no dia 29 de abril e que se pode ver no link abaixo. <https://www.rtp.pt/play/p9677/e614386/portugal-em-direto/1036594>

4. OS VISITANTES DA FESTA E A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS

A propósito do conjunto de pessoas que visitam a Festa, José Morais Arnaud, salienta que uma grande percentagem serão visitantes estrangeiros, sendo bastante “importante que eles tenham conhecimento de que há atividade arqueológica em Portugal e possam, a partir daqui aprofundar o conhecimento da realidade”. Sobre os visitantes, Célia Pereira observa: “Temos aqui dois tipos de público completamente diferentes – os turistas que estão em Lisboa e que viriam cá naturalmente. Quando chegam têm uma agradável surpresa que é a entrada gratuita durante esses dois dias. Depois, há o público português que normalmente só vem ao sábado”. A Festa é sobre o património arqueológico português por isso é “vacionada sobretudo para o público nacional, nomeadamente as famílias. Também achamos que é importante por exemplo nas escolas existir este contacto com a arqueologia”. Sendo uma “herança cultural que é de todos e da qual temos que cuidar, é importante que seja incutido (ensinado) às crianças desde pequenas. Daí que nós procuramos incentivar os parceiros da Festa a desenvolverem várias atividades dirigidas às crianças”, argumenta a curadora do MAC.

Em relação às estratégias de comunicação, o diretor da AAP diz que “vão evoluindo conforme a conjuntura. À medida que se vão desenvolvendo instrumentos de divulgação melhores e mais eficazes, nós vamos procurando utilizar também e tirar partido – um dos nossos colaboradores que se concentra umas semanas antes da Festa a fazer a divulgação através das redes sociais”. Refere que desde a primeira edição “tenho estado encarregue da organização e nas últimas três datas, os arqueólogos Andrea Martins e César Neves da AAP participam com na organização da Festa e na divulgação de forma mais intensa nas redes sociais.

Relativamente aos números de visitantes ao longo das seis edições mostram que, à exceção de 2016, houve sempre um aumento de pessoas. O registo de visitantes da primeira edição foi aferido no comunicado publicado à dada pela direção da APP e aponta para 2500 pessoas. No ano de 2012 (5 e 6 de maio) registaram-se 2.657 pessoas. Em 2013 (8 e 9 de junho) o número de visitantes passou para 3.758. No ano seguinte, 2016 (4 e 5 de junho) a variação foi reduzida, 3.738 pessoas. Já em 2019, os três dias (25,

26 e 27 de abril) contabilizaram 9.062 visitantes. Na sexta edição, em 2022, entre os dias 29 e 30 de abril, 5.120 pessoas visitaram a Festa.

Mariana Santos, mestranda em Arqueologia na FLUL, é voluntária na Festa desde 2016 e diz que nunca tinha pensado que haveria tanta gente no recinto. Diz ter ficado impressionada ao perceber que as pessoas tinham sempre “muita curiosidade em saber o que é isto da arqueologia e o que nós fazemos, acho que a Festa resulta nesse aspecto da divulgação”.

Mariana Diniz defende que este tipo de evento precisa de algum tempo para ser apreciado, ou seja, o visitante precisa de tempo para aprender com as atividades e reter a mensagem. “Sabemos que o número de visitantes começa com cerca de 2500 na primeira edição e ao longo das edições tem aumentado” mas de forma consistente. Sem encher demasiado o recinto as pessoas circulam e aproveitam as múltiplas propostas de atividades, refere a investigadora. O impacto da Festa na cidade é crescente e as redes sociais também contribuem. “Nós hoje temos formas de chegar a um público muito mais alargado através do *Instagram* ou *Facebook*, acrescenta a arqueóloga.

5. PALAVRAS DA FESTA

Durante os dois dias da 6ª edição da Festa da Arqueologia foi feita uma breve sondagem sobre palavras que os arqueólogos e visitantes associariam ao evento em curso, tendo sido entrevistados 38 indivíduos: seis crianças, seis visitantes adultos, e os restantes, arqueólogos e estudantes que de alguma maneira pertencem ao universo académico ou museológico. Procurou-se saber, de uma forma espontânea, duas a três palavras relacionadas com a Festa. Recolhido em vídeo, as respostas que descreveram o encontro em jeito de “palavras chave” foram diversas. Destacou-se a palavra **Diversão / Divertido / Divertimento** referida **oito vezes**. Arqueologia, sete vezes; Divulgação, cinco. Partilha, Património, Dinâmico foram mencionadas por quatro vezes; Conhecimento, Alegria, Aprendizagem, Conhecimento, População/Público foram repetidas três vezes; Família, Descoberta, Didática, Diversidade, Educativo, Comunidade, Convívio ouviram-se duas vezes cada. Foram ditas apenas por uma vez as palavras Ciência, Encontros, Festa, Feira, Jogos, Desenhos, Interesse, Aventura, Presentes, Peças arqueológicas, Interessante, Fascinante, Diferente, Ossos, Sílex, Original, Cultura, Pré-história, Brutal,

Fixe, Descontraído, Missão, Curiosidade, Gira, História antiga, Escavações, Inesquecível, Amizade, Fantástico, Apaixonante, Inacreditável, Socialização, Êxito, Popular, Luz, Inter-ajuda, Trabalho de Equipa, Participação, Exploração, Herança, Amor. Sublinha-se, no entanto, a ausência da palavra INVESTIGAÇÃO, provavelmente reflexo do carácter lúdico da Festa. Poderá assim questionar-se a capacidade de transmissão da mensagem por parte dos arqueólogos, faltando a referência às etapas iniciais – a investigação científica.

Das palavras escolhidas fica claro o carácter lúdico, alegre, descontraído e social da Festa, potenciando o conhecimento e desmitificando alguns dos paradigmas e mitos sobre a Arqueologia.

6. REFLEXÕES FINAIS – A FESTA DA ARQUEOLOGIA É ARQUEOLOGIA PÚBLICA

Divulgar a arqueologia, com todas as suas particularidades e sub-áreas, levando a que a consciencialização sobre o património e, sua protecção, seja efetiva e devidamente apreendida mostra-se uma tarefa com muitos desafios. A falta de preparação pedagógica e, ainda um certo alheamento à importância da divulgação para um público não especialista, leva a que programas de Arqueologia Pública com enquadramento teórico e conceptual, planeados e com objectivos, sejam ainda residuais na arqueologia Portuguesa. Os objectivos e as acções são delineadas a médio e longo prazo, sendo este longo espaço temporal, onde os resultados são escassos, um caminho desencorajador para muitas equipas que procuram no imediato repercussões positivas para colocar na sua investigação e enquadrar-se nos questionários contemporâneos. A consciencialização e aprendizagem do património é um processo longo, que abarca todas as faixas etárias, através de conteúdos e cursos distintos, mas cujo objectivo é idêntico.

Os recursos arqueológicos não são renováveis, são testemunhos únicos e só uma investigação rigorosa pode fornecer dados sobre o que aconteceu no passado (McManamon, 2000). A introdução da arqueologia a jovens e crianças por meio da escola formal e da educação universitária pode depender mais do entusiasmo dos professores e não dos alunos, enquanto que aprender arqueologia por meio de canais informais, os jovens podem sentir-se mais cativados (Moshenska, 2017). Estando esta Festa enquadrada num contexto informal de transmissão

de conhecimento, o diretor da AAP diz que numa visita a este evento as pessoas podem “fazer uma ou várias viagens no tempo”, uma vez que as entidades convocadas convidam o público a participar em atividades que correspondem à “necessidade que todas as pessoas têm em saber mais das origens”. “E agora quando olhamos para a festa da arqueologia com tantas atividades viradas para as crianças, sejam as escavações simuladas, sejam as atividades mais de pintura ou escrita, fazer réplicas de joalheria pré-histórica – tantas coisas que as crianças estão a fazer – nós sentimos que estamos a dar o nosso contributo para a educação patrimonial para estas novas gerações. Portanto tal como ganhámos as gerações para o ambiente, a nossa batalha tem sido ganhar as gerações para o património e, eu acho que cada vez mais estamos a conseguir fazer isso” defende Leonor Medeiros.

A Festa da Arqueologia baseia-se nos seguintes pressupostos:

- Garantir uma mostra do que se faz em arqueologia por todo o país, sendo esses projetos ancorados pela investigação arqueológica, associando um discurso acessível e descodificando a informação para melhor comunicar e explicar esses trabalhos arqueológicos. Há uma grande dispersão territorial – de Norte a Sul, sendo que na sexta edição a Madeira esteve também presente. Os projetos são apresentados pelos arqueólogos que participam no processo de investigação e organizam as narrativas de explicação em linguagem acessível.
- Identificar os desafios da divulgação dirigida ao público em geral, de diversas faixas etárias, desenvolvendo ferramentas com atividades interactivas para envolver os visitantes: em todas as tendas encontram-se áreas com jogos e desafios, com maletas pedagógicas cheias de réplicas ou simulações de escavações, que envolvem desde os mais pequenos aos maiores.
- Sublinhar que a entrada para esta Festa é gratuita, correspondendo ao conceito de acesso livre à informação.

Se os pontos de contacto entre a intenção da Festa da Arqueologia e os *itens* considerados no conceito de Arqueologia Pública estão conferidos importa apurar melhor o que o público retém após o evento. Na equação tradicional da comunicação, não basta o emissor transmitir uma mensagem utilizando um certo canal, dirigida a um receptor (Farinha, 2010). Se, por parte de quem recebe a informação esta não

for apreendida, a comunicação não se completa, por isso para melhorar esta circulação de divulgação importa aferir qual o grau de compreensão e a amplificação da mensagem, ou seja, qual a relação da informação com o destinatário, no caso concreto, no contexto da Festa. “Deu para divertir, deu para aprender sobre os povos antigos, o que se encontra das escavações. Se os arqueólogos não encontrassem as coisas, nós não sabíamos que os povos usavam colheres ou colares, ou barro para fazerem alguns utensílios. Tinham outra tecnologia. Vamos daqui cheias de conhecimento”, remata uma mãe em conversa com a filha, prometendo regressar em novas edições. Num diálogo gravado em vídeo, de uma mãe e filha de 10 anos, registou-se uma certa satisfação no que aprenderam nas atividades que experimentaram, que corrobora o que Mariana Diniz afirma sobre o regozijo do público, no final da visita. Entre as reações mais comuns dos visitantes, Mariana Diniz, destaca “o espanto por um lado, pelo dinamismo da atividade arqueologia em Portugal, pelo número de sítios, por estarem a ser escavados sítios pré-históricos, sítios romanos, medievais, sítios escavados nas cidades ou mundo sub-aquático” – um espanto – por outro lado há uma constante entre os visitantes que é a vontade de conhecer e saber – “diria que o nosso visitante é por regra alguém com muita curiosidade e muita disponibilidade”. “Ao estarmos a passar toda esta informação estamos a criar cidadãos envolvidos e estamos a dar ferramentas para poderem contextualizar o que estão a descobrir e ao poderem compreender – conseguem proteger – porque quando passamos a conhecer, começamos a preocuparmo-nos com o sítio – e quando temos essa sensação de preocupação e ligação ao sítio então passamos a protegê-lo – portanto tudo tem que passar primeiro pelo conhecimento para se criar essa ligação emocional” sublinha Leonor Medeiros. Deverá, assim, este evento contribuir para uma sociedade com maior conhecimento e, conseqüentemente, mais capacitada de tomar melhores decisões. Esta afluência de pessoas mais dispostas a interagir nos programas de cada tenda da Festa pode ser indicador de que as entidades estão a melhorar a estratégia na comunicação e a chegar a um público de tenra idade preparando terreno para que a educação para o património passe a ser natural entre as novas mentalidades. Este evento também garante a dinâmica de debate entre painéis de especialistas e a participação do público. Na edição de 2022, os temas foram “Ciência

e Combate Cidadão” e “Arqueologia e Desenvolvimento Sustentável”, em meio urbano e rural. Mais uma vez, o triângulo Arqueologia – Instituições – Sociedade civil, marca a equação dos ingredientes da Festa. O conhecimento do passado só fará sentido se usufruído e valorizado pelo público, logo se a arqueologia necessita de legitimação, as pessoas devem ter o direito a aceder a esse passado que é de todos. A Festa da Arqueologia surge como resposta ao desafio de aproximar os vários mundos no mesmo espaço para “socializar” com todas as pessoas que queiram aparecer, de acordo com Jacinta Bugalhão. Se esta Festa desencadear essa conquista das “gerações para o património”, o exercício de uma cidadania informada e responsável, poderá corresponder a futuros guardiões dessa herança. A emergência de uma nova atitude na disciplina pode provocar o erguer de pontes, identificando tendências sociais e melhorar consideravelmente a sua metodologia e capacidade de ação para tornar uma arqueologia pública, mais pública.

AGRADECIMENTOS

A todos os intervenientes pela sua disponibilidade em responder às questões efectuadas na Festa da Arqueologia 2022, possibilitando a realização do vídeo. À direcção da AAP, na pessoa do seu director – José Morais Arnaud – pela autorização das filmagens e entrevistas, bem como pelas declarações imprescindíveis a este trabalho.

Andrea Martins e Mariana Diniz investigadoras da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. Universidade de Lisboa / UNIARQ – Centre for Archaeology. School of Arts and Humanities. University of Lisbon. Alameda da Universidade, 1600-214 Lisboa, Portugal

Financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito dos projetos UIDB/00698/2020 e UIDP/00698/2020.

BIBLIOGRAFIA

ARNAUD, José M. (2013) – *Memória e Intervenção – 150 anos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Ed. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 110 p.

ARNAUD, José M.; MARTINS, Andrea (2021) – A Associação dos Arqueólogos Portugueses e o Vale do Côa – um longo percurso pela defesa e divulgação do Património, AUBRY, T., SANTOS, A., MARTINS, A. (coord.), *Côa Symposium – Novos*

olhares sobre a Arte Paleolítica, Ed. Associação dos Arqueólogos Portugueses e Fundação Côa-Parque, pp. 404-416.

COUTINHO, Ana Godinho; ARAÚJO, Sofia Jorge; BETTENCOURT-DIAS, Mónica (2004) – *Comunicar ciência em Portugal: uma avaliação das perspectivas para o estabelecimento de formas de diálogo entre cientistas e o público*, Comunicação e Sociedade I, Vol. 61, pág 113-134.

ELEUTÉRIO, David; GIL, Tiago (2015) – O papel da arqueologia na socialização do património. A profissão e as actuais directrizes de tutela e salvaguarda do Património Arqueológico Português e Italiano. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 53-55, 42-60.

FARINHA, José (2010); *Psicologia da Comunicação*. Manual Pedagógico. Escola Superior de Educação e Comunicação. Universidade do Algarve .

GONÇALVES, M. E. (2000) – Ciência, Política e Participação: O Caso de Foz Côa’ in Gonçalves, M. E. (org.) *Cultura Científica e Participação Pública*, Oeiras: Celta Editora, pp. 201-230.

HOLTORF, Cornelius (2007) – Can you hear me at the back? Archaeology, Communication and Society. *European Journal of Archaeology*, vol.10 (2”3): pp. 149-165.

McMANAMON, Francis (2000) – *Archaeological messages and messengers*, *Public Archaeology*, volume 1, pp. 5-20.

MOSHENSKA , Gabriel (eds) (2017) – *Key Concepts in Public Archaeology* , Londron, UCL Press University College London.

RAPOSO, Jorge (2015) – Science and Citizenship: the Socialization of Archaeology and Heritage. *Revista Antrope*, 2, 23-30.

SANTOS, Rita (2022) - Estão todos convidados para a Festa! e para Dançar também...O projecto do serviço educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª edição da Festa da Arqueologia. ARNAUD, J. M., NEVES, C. e MARTINS, A. (Coords.) - Arqueologia em Portugal 2020 -Estado da Questão, AAP e CITCEM, pp. 447-457.

VALERA, António (2008) – A divulgação do conhecimento em Arqueologia: Reflexões em torno de fundamentos e experiências. *Praxis Archaeologica*, 3: pp. 9-23.

RECURSOS DIGITAIS

Portal RTP, consultado a 15/05/2022.

<https://www.rtp.pt/play/p5286/e403493portugal-em-direto/739816->

<https://www.rtp.pt/play/p5286/e403493/portugal-em-direto/739821>.

<https://www.rtp.pt/play/p9677/e614386/portugal-em-direto/1036594>.

Página da rede social Facebook da Festa da Arqueologia, consultado a 08/05/2022 <https://www.facebook.com/page/299229576410/search/?q=festa%20da%20arqueologia%202016>.

Portal MAC, consultado 07/05/2022 http://museuarqueologicodocarmo.pt/agenda_cultural/2022/04/prog_festa_arq_22.pdf.

Portal Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa, consultado a 22/05/2022 https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_estrutura.php?tabela=leis&artigo_id=&nid=844&i.

Página da Festa da Arqueologia na rede social Facebook, consultada a 01/05/2022 <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=festa.daarqueologia&set=a.357350687650039>.

<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.357350687650039&type=3>.

O vídeo produzido, encontra-se alojado no *site* da Associação dos Arqueólogos Portugueses – https://www.museuarqueologicodocarmo.pt/actas_congressos.html e pode ser acedido através de:



Figura 1 – Sinalização da Festa da Arqueologia no Largo do Carmo.



Figura 2 – Aspecto geral das várias tendas da Festa da Arqueologia e dos numerosos visitantes.

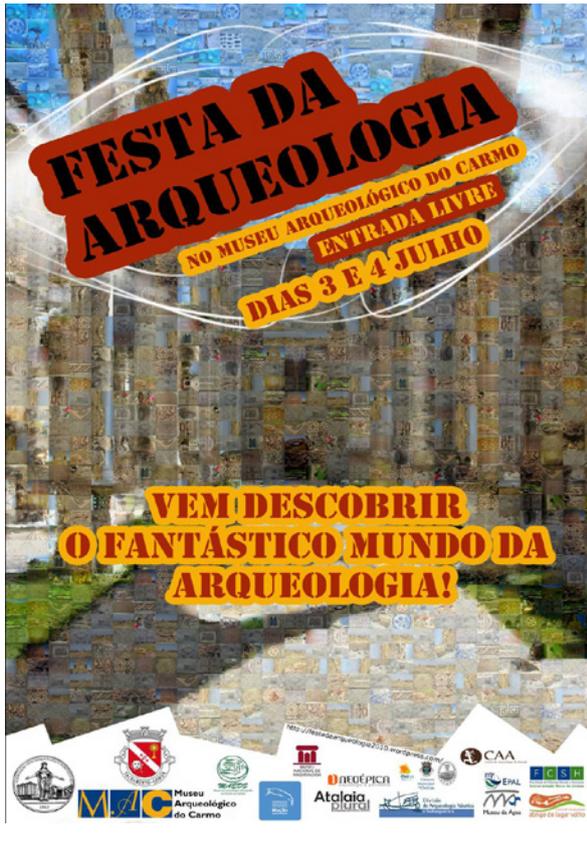


Figura 3 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2010.

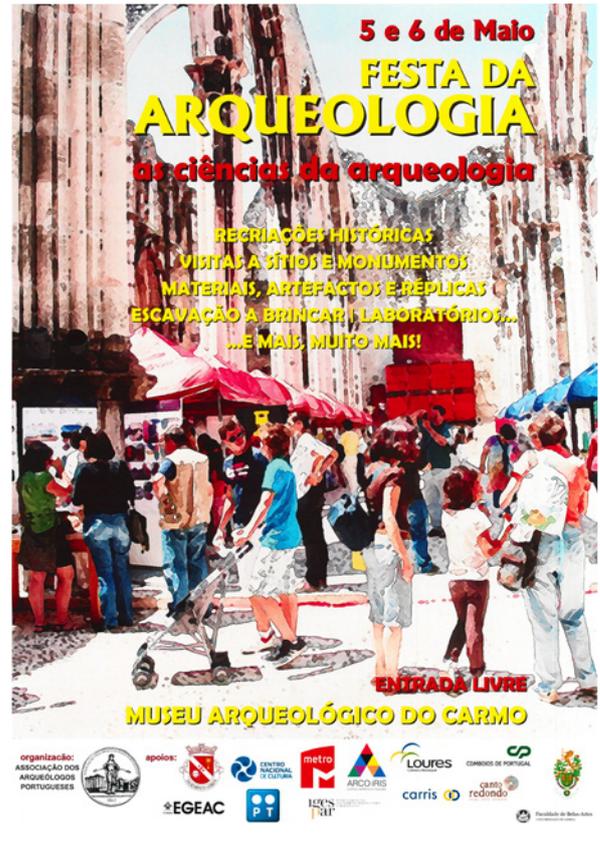


Figura 4 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2012.



Figura 5 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2013.



Figura 6 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2016.



Figura 7 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2019.



Figura 8 – Cartaz da Festa da Arqueologia 2022.



Figura 9 – Actividade no espaço do Museu Nacional de Arqueologia.



Figura 10 – Actividade no espaço do Campo Arqueológico de Mértola.

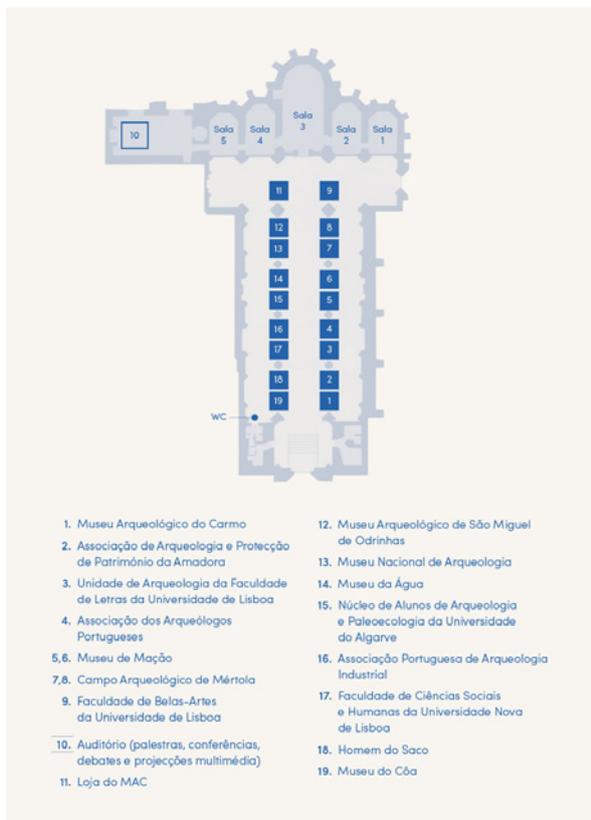


Figura 11 – Festa da Arqueologia 2019 – programa e localização das várias instituições.



Figura 12 – Contacto directo dos arqueólogos com o público.



Figura 13 – Participantes das diversas instituições, voluntários e equipa da AAP-MAC no início da Festa da Arqueologia 2019.



Figura 14 – Actividades de arqueologia experimental desenvolvidas por Pedro Cura – Prehistoric Skills/Museu de Mação.



Figura 15 – Tenda da UNIARQ - FLUL.



Figura 16 – Tenda do MAC e actividades desenvolvidas sobre o povoado Vila Nova de São Pedro.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO E
ETNOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UC
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

Coimbra

 **seminário
maior de coimbra**